

8 ½ - O TOTEM TABU DE FELLINI

Jean Clemente

Letras - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio)

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo relacionar o filme 8 ½, de Federico Fellini e o conceito de Totem Tabu, de Sigmund Freud. A análise é feita com base no livro homônimo do psicanalista e da entrevista concedida pelo diretor à jornalista italiana Camila Cederna.

PALAVRAS-CHAVE: cinema, Federico Feliini, Sigmund Freud, psicanálise, totem tabu, 8 ½

Em *Totem e Tabu*, Sigmund Freud (1856-1939) aborda sobre a figura parental que toma o controle de toda uma sociedade. Para não perder este controle, o homem líder impõe leis que possam garantir sua estadia como chefe perpétuo. Uma das rédeas colocadas naqueles sob seu comando é a proibição de relações íntimas dentro da própria família. A imposição deste pecado visa impedir que seus sucessores se unam, fiquem mais fortes e o destronem. A institucionalização do incesto vem como o último prego no caixão. O homem perde o poder sobre sua esposa já no nascimento do filho. A atenção que antes era exclusiva dele passa a ser partilhada. Os seios que outrora eram seu playground, agora é visto quase como exclusivo da subsistência de sua prole.

Um medo antigo, tão antigo quanto o próprio tempo. Medo encontrado não apenas nas primeiras civilizações, mas até mesmo entre os mitos. Cronos, o titã, devorava todos os seus filhos para que eles não viessem usurpar seu trono. Mas a relação de mãe e filho fez com que Zeus fosse salvo e desse fim ao reinado de seu tirano pai. Nas religiões abraâmicas também encontramos tal paralelo. Moisés, por exemplo, fugiu da morte certa ao ser colocado num cesto. Mas mal podia imaginar o pequeno hebreu que as águas que o ninaram enquanto se salvava fossem desembarcar próximas à casa do mesmo Faraó que ordenou sua morte e de outras crianças. Ao crescer, foge de casa e volta como o redentor de seu povo.

Mas e se não houver uma figura anterior para ser combatida? E como o homem se torna uma?

Em 8 ½, longa de 1963, dirigido e escrito por Federico Fellini, vemos Guido, um também cineasta, com problemas em produzir seu próximo filme. Logo se percebe que Guido é uma caricatura do próprio Fellini, que também teve dificuldades na produção do longa.

Na história, Guido é um homem casado que mantém uma relação extraconjugal. Sua amante parece querer algo mais do que apenas um caso físico, visto que ele a leva para as filmagens, enquanto sua esposa permanece cuidando da casa. Além delas, há uma terceira mulher que aparece em sua vida: uma das atrizes do filme.

Alternando entre presente, passado, futuro e fantasia, Fellini passa a nos mostrar mais do aspecto de Guido e seu histórico com o sexo oposto. Quando criança, Guido cresceu num lar repleto de mulheres. Mãe, avó, tias e primas que o mimavam e paparicavam. O diretor cresceu num lar em que era diferente, especial. Como um dos poucos meninos, ele era visto como algo ímpar naquele lar.

Foi também quando pequeno que teve seu primeiro contato erótico com uma mulher. Perto de onde morava havia uma mulher conhecida como La Saraghina. Sua situação nunca é deixada clara o bastante, mas o importante é que ela vivia em situação de rua e se prostituía como forma de ganhar a vida. E ela faria qualquer coisa, incluindo dançar para garotos de oito anos, que seriam castigados por guardas e pela família por se envolverem em atividades deste tipo. Em um desses – provavelmente muitos – encontros, ele é pego pelos padres de sua escola. Ao ser castigado, é levado perante o corpo docente que não é mais constituído de homens usando batinas. Todos ali se transformam, pelo menos por um momento, em figuras femininas que jogam em sua cara a vergonha do que fez. Sua mãe também se faz presente, em carne e osso. Mas distante, juntando-se ao coral de vergonha trazida por seu filho. De volta ao refeitório, é levado como exemplo diante da turma, enquanto um dos professores cita a história de um “piedoso Luigi” que durante sua vida evitou contatos com mulheres, pois isso o aborrecia.

Esta passagem reflete a culpa cristã sentida pelo próprio Fellini. Não à toa seu filme anterior, *A Doce Vida*, escandalizou a Igreja Católica quando de seu lançamento. Como um italiano que cresceu no início do Século XX, sua vida foi marcada por um grande ensinamento religioso. Apóstolo Paulo, em sua primeira epístola à Igreja de Corinto, reforça que o homem não deve se casar; a menos que não consiga controlar-se (1 Co 7).

No presente, vemos que Guido está produzindo um filme sobre sua vida. Metalinguagem que liga toda a história – e sobretudo o personagem – ao idealizador da película que assistimos.

No reino da fantasia, vislumbramos o mais íntimo desejo do personagem: criar um harém, onde ele manda e demanda, onde cada uma das mulheres o espera ansiosa e realiza seu desejo. Cada uma destas mulheres fez parte de sua vida: sua esposa, suas amantes, suas familiares, a prostituta de sua infância. Há até mesmo novas companhias, como mulheres ainda não conhecidas, trazidas por suas concubinas.

Mas sua questão com o pai ainda não foi resolvida. Ao encontrar com o espírito de seu progenitor, tem perguntas a fazer. Nenhuma resposta vem delas. Seu pai balbucia sobre coisas, a princípio, irrelevantes. Mas vemos que é a forma de dele demonstrar que saber como seu sucessor está indo, inclusive demonstrando certa

tristeza ao constatar que não muito bem. Ele volta então ao seu tumulto, e a mãe de Guido aparece. O primeiro ímpeto é o de se beijar. Guido tomou o lugar de seu pai de uma vez por todas. Mesmo que tente, por um breve momento, rejeitar e lembrar de que já tem uma esposa.

Até agora, falamos mais do personagem do que do diretor. Por isso, deixemos que o mesmo fale por si:

“Falei-te já da Saraghina, daquela espécie de Moby Dick de Rimini que, na sua praia, quando eu tinha oito anos, fora para mim a revelação da mulher em toda a sua feroz potência? Vejo-a muito bem. [...] E ainda outras mulheres, a bela amante-mãe que de certa forma assemelha-se à ama e a Saraghina, toda a série de ocasiões perdidas, e é preciso ter em mente aquilo que continua sempre a ser meu sonho preferido: poder viver numa casa cheia de mulheres e fazer com que elas me contêm todos os seus segredos, amá-las todas, num rodízio, em seguida encontrar marido para uma, noivo para outra, dar belos presentes a todas; vou pôr no filme essa espécie de harém, e dentro dele o meu homem, com um chicote na mão; um chicote afetuoso, entenda-se.” (Cederna, 1972, p.6)

Vemos, pelas palavras do próprio cineasta, o seu mais íntimo desejo tomando a forma em frente às lentes. Lentes conduzidas por ele, com figuras dirigidas por eles, agindo e falando da forma que sua mente imaginou. Dentro do estúdio ele era mais poderoso que um escravo salvo num rio. Mais tirano que um tirano louco por poder.

Ao imprimir na telona seu desejo, Fellini não comete o mesmo erro dos homens anteriores. Ele tira toda e qualquer forma de concorrência. Em sua infância, vemos que o fato de ser o único menino o torna especial. Como se ele mesmo fosse uma dádiva divina àquelas mulheres. E para isso, ele tira de cena a figura paterna. Aquele que poderia lhe impor limites, ditar como seria sua vida ou moldar sua personalidade não mais existe. Fellini é único e soberano.

E para se manter assim, ele garante que não haverá um golpe de estado contra si. Ele abomina a ideia de que possa vir um filho e tomar seu chicote. Nenhum fruto é gerado em suas relações. Nenhuma criança macula seu Éden.

Fellini tenta realizar o desejo íntimo do homem: de ser o alfa de toda uma sociedade. A fantasia do autor é linda e pavorosa ao mesmo tempo. E ele sabe disso. Por isso apela para a ficção, pois sabe que no mundo real, não apenas teria seus filhos para encarar, como todo o harém e as pessoas conhecidas e desconhecidas. O que faria a dança do final do filme se tornar um linchamento em praça pública – e não seria com chicotes afetuosos.

REFERÊNCIAS:

CEDERNA, Camila (1972) 8 ½. Rio de Janeiro: Edição Ilustrada.

FREUD, Sigmund (2012) Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1911-1914). São Paulo: Companhia das Letras